

COMPREENSÃO SOBRE A ARQUITETÔNICA EM BAKHTIN: FONTES KANTIANAS

UNDERSTANDING ON THE ARCHITECTONICS IN BAKHTIN: KANTIAN SOURCES

Maria Inês Batista Campos¹

Resumo: *O objetivo deste artigo é compreender a concepção da arquitetura de Mikhail Bakhtin e como ele vai estabelecendo relações, discussões e refutações com o conceito exposto por I. Kant em Crítica da razão pura. Os escritos do jovem Bakhtin no início da década de 1920 já atestavam uma investigação dedicada à arquitetura do mundo real e cotidiano, não teorizado, mas “vivenciado” pela ótica do eu-para-mim, do outro-para-mim e do eu-para-outro. Embora esse importante conceito filosófico não tenha se realizado por completo pelo autor russo, ele está presente na sua concepção de linguagem que considera a relação intersubjetiva entre o eu e o outro, uma vez que as palavras enunciadas respondem a palavras de outros, provocando novas réplicas a diferentes interlocutores. Desse modo, a arquitetura das relações dialógicas compreende a ética e também uma visão estética que se fundamenta no excedente de visão que o outro tem de mim. Nesse conceito, as premissas estão dialogicamente constituídas e podem ser uma boa chave teórico-metodológica que nos permite encaminhar a leituras de textos verbais e verbo-visuais.*

Palavras-chave: arquitetura; conhecimento; filosofia do ato; relações dialógicas.

Abstract: *The aim of this article is to understand the conception of architectonics in Mikhail Bakhtin and how he establishes relations, discussions and refutations to the concept expounded by I. Kant in Critique of Pure Reason. The writings of the young Bakhtin in the early 1920s already attested an investigation dedicated to the architectonics of the real world and everyday life, not theorized, but “experienced” from the perspective of the self-for-me, the other-for-me and the self-for-others. Although this important philosophical concept has not been carried out completely by the Russian author, it is present in his conception of language which considers the inter-subjective relationship between the self and the other, since the words respond to the*

¹ Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUCSP. Professora doutora MS3 RDIPD da USP.

words of others, causing new replicas to the different interlocutors. Thus, the architectonics of the dialogical relations comprises of ethics and also an aesthetic vision that is based on the over view that the other has of me. In this concept, the premises are dialogically constituted and can be a good theoretical and methodological key that allows us to direct the readings of verbal and verbal-visual texts.

Keywords: architectonics; knowledge; philosophy of the act; dialogical relations.

1 Considerações preliminares

Logo após a Revolução de outubro na Rússia (1917) e o final da Primeira Guerra Mundial (1918), Bakhtin partiu de São Petesburgo devido à escassez de alimentos na cidade e foi residir em Nevel (1918-1919), depois em Vitebsk (1920-1924) na Bielorrússia, época em que escreveu seus primeiros ensaios filosóficos. Participou ativamente das discussões filosóficas, com Vasilievich Pumpianskii (1891-1940), Valentin N. Volochinov (1895-1936), Boris Mikhailovitch Zubakin (1896-1938), Maria Yudina (1899-1970) e Matvei Kagan (1889-1937) durante os seminários kantianos. Esse último tinha acabado de regressar da Alemanha, após 9 anos de estudos com os filósofos neokantianos Hermann Cohen, Ernst Cassirer e Paul Nartop, que fora seu orientador de tese. Na história intelectual do século XX, Todorov recupera essa herança de Bakhtin com a seguinte argumentação:

[...] o mais importante autor que a União Soviética produziu no vasto domínio que inclui os estudos literários, as ciências humanas e a filosofia. [...] Bakhtin é antes de tudo um filósofo (um ‘pensador’ como se diz na tradição russa), viveu em um país onde a filosofia tornou-se parte do programa político” (2002, p. 341).

Nas memórias do próprio Bakhtin, em entrevistas gravadas em Moscou pelo filólogo russo Victor Duvakin (1909-1982) em 1973, ele atesta seu interesse pelos estudos kantianos e neo-kantianos.

D: [...] O interesse, digamos, pela Escola de Marburg, e em geral pela filosofia, era amplamente difundido?

B: Não amplamente, não. Em essência Não, não foi nunca. Tratava-se de um interesse bem restrito.

D: Quem fazia parte além do senhor?

B: Além de mim, havia uma pessoa que pude conhecer melhor

com o passar do tempo e que virou um dos meus amigos mais íntimos. Ele tinha estudado diretamente na Alemanha, com Hermann Cohen. Morreu há tempo, mas sua filha me visita ainda.

D: De quem se trata precisamente?

B: É Matvei Isaiévitch Kagan.

D: Então em Odessa vocês já se conheciam?

B: Não. Conheci-o muito tempo depois. [...]

D: Mas o senhor não era também um classicista?

B: Eu era já Eu era um filósofo. Veja, eu diria assim ...

D. O senhor era mais filósofo que filólogo?

B: Filósofo, mais que filólogo. Filósofo. E assim permaneci até hoje. Sou um filósofo. Sou um pensador. (BAKHTIN, 2008, p.45).

Para tratar das relações filosóficas entre Bakhtin e o amigo Matvei Kagan (HOLQUIST, 1984, p. 311), remetemos o leitor a um trabalho nosso anterior de pesquisa, organização e publicação em artigo² da tradução da correspondência entre M. Bakhtin e M. Kagan. Todos os escritos de Kagan, até então inéditos em língua ocidental, foram organizados por Vitali Makhlin, professor da universidade de Moscou, no livro russo *Sobre o curso da história* (2004).

O tema da arquitetônica tem recebido alguns estudos que tratam da importância do conceito na abordagem bakhtiniana. Os avanços das leituras e releituras em *Para uma filosofia do ato responsável* estão marcados nos estudos de Vauthier (2003, 2004), Sobral (2005) e Amorim (2006). Especificamente, quanto à relevância da arquitetônica e sua compreensão para os estudos do discurso merecem destaque Ponzio (2008), Faraco (2009, 2010), Machado (2010); Brait; Pistori (2012) e Melo; Rojo (2014). Os vínculos estreitos da filosofia e “os desdobramentos e refinamentos do conceitual bakhtiniano estão presentes ao longo das cinco décadas de sua produção”. (FARACO, 2010, p.148).

Esse conceito parece relacionar-se intrínseca e coerentemente com a filosofia da linguagem e com as diferentes noções teórico-epistemológicas nele implicadas. Em lugar de estar associado somente à filosofia neokantiana ou fenomenológica, a noção de arquitetônica é destinada a descrever as atividades: “as relações que ela organiza estão sempre em estado de tensão dinâmica” (HOLQUIST; LIAPUNOV, 1990, XXIII). Neste artigo, a proposta é tratar do diálogo produtivo que Bakhtin mantém com o sistema filosófico de Immanuel Kant (1724-1804) e com os neokantianos, a fim de

2 Artigo intitulado O encontro de Bakhtin e Kagan: fontes filosóficas, publicado na Revista *Conexão Letras*, vol. 8, Porto Alegre: UFRGS, 2013.

compreender a elaboração do seu conceito de arquitetônica feita a partir da noção kantiana apresentada em *Crítica da razão pura*. Bakhtin “dizia ter lido [...essa obra] em alemão e a conhecia muito bem, assim como as correntes neokantianas e particularmente a escola de Marburg” (BARDET: 2003, p. 15). Vamos identificar como Bakhtin desenvolve seus argumentos filosóficos referentes a um dos temas principais dos seus primeiros textos, partindo das poucas citações e referências feitas a Kant nos textos.

O objetivo deste artigo é apresentar três aspectos: 1) um resumo de *Crítica da razão pura*; 2) a leitura feita por Bakhtin do texto de Kant, Doutrina transcendental do método, especificamente o terceiro capítulo, intitulado “A arquitetônica da razão pura” e a assimilação desse conceito kantiano presente em dois textos filosóficos: “Arte e responsabilidade” (1919) e *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1924); 3) o distanciamento de Bakhtin frente ao pensamento abstrato que separa o mundo da cultura e o mundo da vida.

2 *Crítica da razão pura*

[...] conheci muito cedo Kant, comecei muito cedo a ler a sua *Crítica da razão pura* [...] em alemão. Não em russo (BAKHTIN, 2008, p.40).

Em *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin traz a minuciosa leitura da *Crítica da razão pura* e dá “sua resposta original à questão da finitude deixada por Kant e seus sucessores” (VAUTHIER, 2004, p.2). Neste artigo, faremos uma apresentação sinóptica da complexa obra do filósofo de Königsberg, considerada uma das mais significativas da filosofia moderna. Ela se apresenta com grandes dimensões: a tradução em português da Fundação Calouste Gulbenkian³ traz 680 páginas.

Kant escreveu seu texto em 1781 e o reformulou sete anos depois, apresentando uma extensa explicação do seu projeto geral no segundo prefácio (1787), que se tornou um guia para os leitores. Na introdução da obra, dividida em sete partes, o filósofo “procurou introduzir a distinção entre os problemas solúveis e não-solúveis pela razão humana” (LOPARIC, 2005, p. 116), na busca de resolver os problemas teóricos. Ao final dessa parte, ele

3 Primeira tradução da *Crítica da razão pura* em português apareceu em 1980 pela Abril Cultural, São Paulo. Neste artigo, três traduções foram usadas para consulta: a brasileira (Petrópolis: Vozes, 2013a); a portuguesa (Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013b) e a francesa (Paris: Flammarion, 2006).

explica que a arquitetônica da razão parte de uma pressuposta separação: “há dois troncos do conhecimento humano, porventura oriundos de uma raiz comum, mas para nós desconhecida, que são a *sensibilidade* e o *entendimento*; pela primeira são-nos dados os objetos, mas pela segunda são esses objetos *pensados*” (KANT, 2013 b, p. 56). A partir dessa hierarquia é que se organiza o método de investigação kantiana.

A obra está organizada em dois blocos: O primeiro se intitula “Doutrina transcendental dos elementos”, subdividido em duas partes, inegavelmente longas: Estética transcendental, que trata do que há de sensível no conhecimento, apresentando duas seções: formas do espaço e exposição metafísica do conceito de tempo.

A segunda parte, intitulada “Lógica transcendental”, trata do que há de inteligível no conhecimento, está dividida em duas seções: a) Analítica transcendental, por sua vez desmembrada em dois livros (‘Analítica dos conceitos’, organizado em dois capítulos e diferentes seções e ‘Analítica dos princípios’ com três capítulos e várias seções), e b) Dialética transcendental se desmembra também em dois livros (‘Dos conceitos da razão pura’ com três seções e ‘Dos raciocínios dialéticos da razão pura’ com três capítulos e diferentes seções), aborda a definição da razão e da crítica da metafísica tradicional. O segundo bloco, intitulado “Doutrina transcendental do método”, divide-se em quatro capítulos, aplicando os resultados da crítica a determinadas condições que devem preencher um sistema completo da razão pura. O primeiro capítulo, A disciplina da razão pura, é composto de quatro seções; segundo capítulo, O cânone da razão pura, com três seções; o terceiro capítulo, A arquitetônica da razão pura e o quarto capítulo, A história da razão pura.

O objetivo principal de Kant é que os problemas humanos possam ser solucionados pela razão, desse modo, distancia-se da tradição filosófica (metafísica tradicional), empreendendo uma busca por princípios para a produção de conhecimento. Segundo Grondin, na *Crítica da razão pura* “Kant pensa em quatro domínios privilegiados do *a priori*: na lógica, na matemática, na física pura e, pelo menos, na ideia da metafísica” (1989, p. 31).

Bakhtin toma essa teoria kantiana como ponto de partida para a elaboração de seu projeto filosófico, sendo denominado como “Antropologia filosófica”⁴ por Todorov e “Arquitetônica da responsabilidade”⁵ por Clark e Holquist no final da década de 1980. Nossa próxima seção consiste na análise dos dois textos filosóficos bakhtinianos em que o conceito de arquitetônica foi retomado de Kant, procurando recuperar suas aproximações e distanciamentos.

4 Expressão empregada pelo francês T. Todorov (1981) valorizando exclusivamente a dimensão ética.

5 Expressão de Clark & Holquist (1998) com ênfase nos aspectos éticos.

3 Arte e responsabilidade (1919)

Este ensaio foi publicado no jornal da cidade de Nevel *Day of Art*, trazendo apenas seis parágrafos. Nele, o jovem Bakhtin defende a arquitetônica do ato ético na sua dimensão vivida e não pensada, envolvendo a estética a partir do ponto de vista do autor enquanto participante responsável. Holquist dá o seguinte destaque: “It is now clear that the *dicta* in “Art and Answerability” are merely the tip of an iceberg whose actual dimensions have only recently become apparent” (1984, p. 301).

O diálogo de Bakhtin com o pensamento kantiano se organiza buscando as referências no domínio da arquitetônica. Esse conceito vincula-se ao modo como as partes se organizam com uma totalidade orgânica a partir de uma ideia *a priori* da razão que se constrói com diferentes sistemas. No início do ensaio, Bakhtin se distancia das formulações abstratas do racionalismo e do empirismo científico.

Chama-se mecânico ao todo se alguns de seus elementos estão unificados apenas no espaço e no tempo por uma relação externa e não os penetra a unidade interna do sentido. As partes desse todo, ainda que estejam lado a lado e se toquem, em si mesmas são estranhas umas às outras (BAKHTIN, 2003, p. XXXIII).

Com essa proposição, o filósofo russo se opõe ao conceito de ciência que considera as atividades dos corpos isolados, como coisas em si, não deixando “penetrar na unidade interna do sentido”. No segundo parágrafo, Holquist indica a referência que Bakhtin faz à obra *Fundamentação da Metafísica dos costumes* (1785)⁶, de Kant, retomando o princípio da autonomia da liberdade do ser no mundo. Como sujeito dotado de razão, o ser humano é livre e pode contrapor-se às próprias leis da natureza.

Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade. Mas essa relação pode tornar-se mecânica, externa (BAKHTIN, 2003, p. XXXIII).

Inserida nesse conhecimento das esferas não teóricas da existência, a investigação bakhtiniana introduz o conceito de arquitetônica, uma vez

6 A referência à obra de Kant está indicada nas notas de rodapé do ensaio *Art and Answerability* da edição americana *Art and Answerability: Early Philosophical Essays* by M.M. Bakhtin, 1990, p.2.

que o todo está sempre em construção e suas relações se estabelecem nas interações marcadas por valores. “O que garante o nexo interno entre os elementos do indivíduo? Só a unidade da responsabilidade”. (BAKHTIN, 2003, p. XXXIII).

Conforme as investigações de Bubnova (1997/2013), o projeto ético e estético de Bakhtin configurou-se numa *prima philosophia*, da qual a primeira parte seria dedicada à “arquitetônica do mundo real pela ótica tripla: eu-para-mim, outro-para-mim, eu-para-outro”. Esse conceito, empregado por Aristóteles, foi apropriado por Kant como uma metáfora para distinguir entre a “unidade técnica” e a “unidade arquitetônica”. No terceiro capítulo, intitulado “A arquitetônica da razão pura”, da segunda parte de “Doutrina Transcendental do Método”, o filósofo explica que a razão humana é de natureza arquitetônica:

Por arquitetônica entendo a arte dos sistemas. Como a unidade sistemática é o que converte o conhecimento vulgar em ciência, isto é, transforma um simples agregado desses conhecimentos em sistema, a arquitetônica é, pois, a doutrina do que há de científico no nosso conhecimento em geral, e pertence, assim, necessariamente, à metodologia (KANT, 2013b, [B 860] p. 657).

Diferente dessa concepção de Kant, em que a arquitetônica é a doutrina do científico, Bakhtin demonstra que a arquitetônica é a alternativa teórica para pensar que “arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade” (BAKHTIN, 2003, XXXIV).

A fim de compreender a posição de Bakhtin frente às questões teóricas kantianas ligadas entre o mundo da cultura e o mundo da vida e seu distanciamento com o pensamento abstrato *stricto sensu*, vamos nos ocupar de algumas citações referentes a Kant que nos ajudam a compreender o conceito de arquitetônica no texto considerado por Clark e Holquist “a pedra de Roseta de toda a obra posterior de Bakhtin” (1984b, p. 123).

4 Para uma filosofia do ato responsável (1920-1924)

Neste ensaio, Bakhtin recupera para o centro das suas discussões cinco citações em torno de Kant e várias referências aos neokantianos, demonstrando no balanço geral seus intercâmbios e refutações ao teorismo. Vauthier esclarece que “o signo sob o qual está aberta a crise da modernidade

selada por Kant, se explicaria pelo fato de que todas as aproximações filosóficas se caracterizam por um excesso de teoricismo, de fato, de racionalismo” (VAUTHIER, 2003, p. 234).

Selecionamos duas citações em que Bakhtin refuta filosoficamente os princípios da epistemologia kantiana e neokantiana, cujos representantes da Escola de Marburg afirmam que o mundo está constituído pelas ciências teóricas que, por sua vez, estão fundamentadas na lógica. Ele usa o termo teoricismo e argumenta contra essa posição.

[...]. Esta filosofia teórica não pode pretender ser uma filosofia primeira, isto é, uma doutrina não sobre a criação cultural unitária, mas sobre o existir-evento unitário e singular. Tal filosofia primeira não existe e parecem estar esquecidos os caminhos de sua criação. Daí, precisamente, a profunda insatisfação em relação à filosofia contemporânea por parte daqueles que pensam de modo participante; insatisfação que leva alguns destes a se orientar por concepções como o materialismo histórico que, com todos os seus limites e suas lacunas, atrai uma consciência participante pelo fato de que procura construir o seu mundo de tal modo que um ato determinado concretamente, histórico e real encontre um lugar nele; por isso, uma consciência que tem um propósito e age se descobre em tal mundo. (BAKHTIN, 2010, p. 68).

[...] Exatamente isso que Kant exige: a lei que regula o meu ato deve ser justificada enquanto capaz de tornar-se norma de conduta universal. E como acontece tal justificação? Obviamente, apenas por meio de determinações puramente teóricas: sociológicas, econômicas, estéticas, científicas. O ato é atirado no mundo teórico com base no requisito vazio da legalidade. (BAKHTIN, 2010, p. 77).

Nesse embate com a teoria kantiana, recuperamos um exemplo referente aos cem táleres, pertencente à *Crítica da razão pura*, que faz parte da primeira parte da obra (Doutrina transcendental dos elementos), sobre a teologia racional; encontra-se na segunda parte “Lógica Transcendental”, capítulo III, intitulado O ideal da razão pura. A compreensão de Bakhtin difere da perspectiva de kantiana quanto ao conceito de real e de possível. Primeiro, leiamos Kant.

E o real, assim, nada mais contém do que o meramente possível. Cem táleres reais não contêm minimamente nada a mais do que cem táleres possíveis. Pois como estes significam o conceito, e aqueles o objeto e sua posição em si mesma, então o meu conceito, caso contivesse menos do que estes, não exprimiria o objeto inteiro e, portanto, não seria tampouco o conceito a ele adequado. Em seu patrimônio, contudo, há mais em cem táleres reais do que no mero conceito dos mesmos (i.e., de sua possibilidade). Pois na realidade efetiva o objeto não está apenas contido analiticamente em meu conceito, mas é sinteticamente acrescentado ao meu conceito (que é uma determinação do meu estado), sem que esses cem táleres pensados sejam, por meio desse ser fora de meu conceito, minimamente aumentados. (KANT, [B627], 2013a, p. 466).

O filósofo alemão demonstra que as coisas no mundo, como 100 moedas, existem independentes do nosso conhecimento, mas a percepção delas é essencialmente marcada pela nossa percepção no espaço. A subjetividade humana é reconhecida como constitutiva da realidade objetiva. Pensar que temos 100 moedas no bolso e tocá-las são ações equivalentes do ponto de vista da quantidade e da espécie, mas no segundo caso significa realmente estar com o dinheiro.

A compreensão de Bakhtin, no entanto, sobre esse exemplo em torno da questão ontológica do real traz posições distintas.

O pensamento participativo [*usastnoe mylenie*] predomina em todos os grandes sistemas filosóficos, de modo consciente e explícito (em particular no período medieval), ou inconsciente e latente (nos sistemas dos séculos XIX e XX). Podemos notar hoje um particular abrandamento dos próprios termos “existir” e “realidade”. O exemplo clássico de Kant contra a prova ontológica – de cem táleres reais não equivalem a cem táleres somente pensados – deixou de ser convincente; de fato, o que é realmente existente no plano histórico e que é irrepetível, na realidade determinada por mim de uma maneira única, é incomparavelmente mais pesado; mas, se é medido com pesos teóricos, ainda que com o acréscimo do reconhecimento teórico de sua existência empírica, abstração feita de seu valor histórico único, dificilmente resultará mais pesado do que aquilo que é apenas pensado. Isto que existe como singular e historicamente real tem volume e peso maior do que qualquer unidade de ordem teórica e científica, mas esta diferença de peso, evidente para a consciência viva que a experimenta, não pode ser entendida por meio de categorias teóricas (BAKHTIN, 2010, p. 51).

Enquanto Kant demonstra que o real e o possível são reais em valor, Bakhtin enfatiza a precedência da existência sobre a possibilidade, a existência é inacessível à teoria. Bakhtin concorda com Kant no que se refere que a existência não tem predicado, mas sua noção de existência é bem diferente. Ele está propondo uma filosofia moral, ou filosofia primeira, ou filosofia da ação responsável que deve descrever de maneira participante “suas arquitetônicas concretas” (BAKHTIN, 2010, p. 114-115). Todos os significados e todas as relações espaço-temporais são o eu-para-mim, o-outro-para-mim e eu-para-o-outro e a arquitetônica se caracteriza em termos dessa alteridade.

Como explica Sandler, “Kant encontrou uma base sólida na qual ele pode reconstruir a realidade objetiva do ser humano e o trata, de modo geral, na forma universal e nas formas subjetivas comuns a todos nós. Bakhtin, por outro lado, procurava constituir a realidade objetiva no sujeito concreto e individual, na realidade imediata da sua experiência em primeira pessoa” (SANDLER, 2014, p.4).

Assim, Bakhtin encaminha uma apresentação dos momentos fundamentais de uma arquitetônica da singularidade, da ação responsável no final da “Primeira parte” de *Para uma filosofia do ato responsável*. A partir desse conceito, ele declara que o conhecimento das interações heterogêneas e complexas é construído em torno de um ser humano concreto, orientado no interior de um tempo e espaço, no plano axiológico:

Esta arquitetônica é tanto algo dado, como algo a-ser-realizado [*dana i zadana*], porque é a arquitetônica de um evento. Essa não é dada como uma arquitetônica pronta e consolidada, na qual eu serei colocado passivamente, mas é o plano ainda-por-se-realizar [*zadannyi*], da minha orientação no existir-evento, uma arquitetônica incessante e ativamente realizada por meu ato responsável, edificada por meu ato e que encontra a sua estabilidade somente na responsabilidade do meu ato (BAKHTIN, 2010, p. 143).

5 Considerações finais

Bakhtin teorizou as fontes kantianas e neokantianas nos seus textos, mas a maneira como ele as elaborou nos revela a sua voz dialogando responsivamente com I. Kant e se distinguindo dele e das vozes dos outros filósofos. Na teia dialógica, a superação do *a priori* kantiano se faz recuperando a concepção do filósofo alemão E. Husserl que propõe a necessidade

de uma apreensão histórico-social que leve em conta o real em sua concretude, numa trajetória constante de “regresso às coisas em si”.

Quando identificamos as citações e referências (e não são poucas), discordamos daqueles que afirmam que Bakhtin aplicou ferramentas e métodos filosóficos acriticamente. Esse estudo mostra como Bakhtin transforma essas fontes construindo sua filosofia do ato responsável, numa reflexão epistemológica original:

[...] trata-se de “fornecer uma descrição da arquitetônica real concreta do mundo dos valores realmente vivenciados, não governado por um fundamento analítico, mas com um centro de origem realmente concreto, seja espacial ou temporal de valorações reais, de afirmações, de ações, e cujos participantes sejam objetos efetivamente reais, unidos por relações concretas de eventos no evento singular do existir [...] (BAKHTIN, 2010, p. 123-124).

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, M. Ato versus objetivação e outras oposições fundamentais no pensamento bakhtiniano. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006, p 17-24.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- _____. *Art and Answerability: Early Philosophical Essays by M.M. Bakhtin*. Edited by Michael Holquist and Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1990.
- _____. Arte e responsabilidade. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.
- BAKHTIN, M. *Pour une philosophie de l'acte*. Trad. do russo Ghislaine Capogna Bardet. Lausanne: l'Age d'Homme, 2003.
- BARDET, G. Capogna. Avant-propos à la traduction française. In: BAKHTIN, M. *Pour une philosophie de l'acte*, 2003, p.11-15.
- CLARK, Katerina & HOLQUIST, Michel. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo, Perspectiva, 1998.
- _____. The Influence of Kant in The Early Work of M.M. Bakhtin. In: *Literary Theory and Criticism*. Festschrift Presented to René Wellek in Honor of his Eightieth Birthday, Part I: Theory. Ed. J. P. Strelka. Bern: Peter Lang, 1984a, p. 299-313.

- _____. Les cercles de Bakhtin. *Esprit*, 7/8, 1984b, p. 120-127. FARACO, C. A. Um posfácio meio impertinente. In.: *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p.147-158.
- HOLQUIST, M.; LIAPUNOV, V. *Art and answerability: Early Philosophical Essays by M.M. Bakhtin*. Austin: University of Texas Press, 1990.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. Trad. Fernando Costa Mattos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a.
- _____. *Crítica da razão pura*. Trad. Manuela Pintos dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 8. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013b.
- _____. *Critique de la raison pure*. Trad. Et présentation par Alain Renaut. Paris: Flammarion, 2006.
- MACHADO, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: crontopia e exotopia. In: DE PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Org.) *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Vol. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 203-234.
- MELO, R.; ROJO, R. H. R. A arquitetônica bakhtiniana e os multiletramentos. In: NASCIMENTO, E; ROJO, R. (Org.). *Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 249-272.
- SANDLER, S. The Reinterpretation of Kant and the Neo-Kantians: On Bakhtin's Pattern of Appropriation. Paper delivered at the 15th International Bakhtin Conference, Stockholm, 23-27 July 2014, p. 1-8.
- TODOROV, T. L'heritage de Bakhtine. In: CAREL, M. *Les facetes du dire hommage à Oswald Ducrot*. Paris: Kimé, 2002, p.341-347.
- TODOROV, T. *Mikhaïl Bakhtine : le principe dialogique*. Suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine. Paris: Seuil. 1981, p. 181-215.
- VAUTHIER, B. Les phases décisives dans le développement de la pensée de Bakhtine. K filosofii postupka, premier chaînon de l'Architectonique de l'esthétique de la création verbale. (Révision et renversement du débat Husserl / Dilthey) », *Phénoménologie(s) et imaginaire*. Eds. J.-P. Madou, R. Célis & L. Van Eynde. Paris, Kimé, 2004, p. 143-185.
- _____. A la recherche des interlocuteurs occidentaux de Bakhtine et de son Cercle. In: *Cahiers de l'ILSL. Les discours sur la langue en URSS à l'époque stalinienne (épistémologie, philosophie, idéologie)*. Lausanne, Presses Centrales de Lausanne, n. 14, 2003, p.229-244.

Recebido em: 05/07/2015. Aceito em: 21/07/2015.